



Caso 1: Projeto "Brasil, cara de quê?"

Professora: Beatriz Souza Duarte e Bruna Lúcia Frigo

Quem é a professora: Beatriz é formada em pedagogia, com pós-graduação em artes cênicas, leciona há cinco anos na rede municipal; Bruna é formada em pedagogia e artes visuais e leciona há três anos na rede municipal. O projeto foi destaque estadual de São Paulo, na etapa pré-escola, na 10ª edição do Prêmio Professores do Brasil

Escola: EMEI Parque das Nações I
Município: São Paulo **UF:** São Paul
Etapas de ensino: Educação Infantil

Ano de realização: 2016

Área de conhecimento:
Componente curricular:



COMPETÊNCIA 1: CONHECIMENTO Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico, social cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar com a sociedade.



OUTRAS COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS:

A ÁFRICA ME REPRESENTA

Creche localizada em morro de Florianópolis desenvolve temática afro ao longo do ano em proposta que trabalhou a questão da representatividade da criança negra em parceria com a comunidade

Os fortes laços da comunidade do Morro da Queimada, em Florianópolis, com a cultura afro-brasileira levaram a professora Márcia Theodorico Mezzomo, de 41 anos, a desenhar em 2016 um projeto pedagógico para levar esse traço da realidade

local às crianças da creche municipal em que trabalha no morro da capital catarinense.

Naquele ano, à frente de uma turma de 17 alunos com idades entre 3 e 4 anos, metade deles negros, a professora usou os seus conhecimentos, em parte derivados dos cursos de formação feitos com a pesquisadora Jeruse Romão, especialista na temática, e o repertório sociocultural de suas duas auxiliares de sala e de sua substituta, todas negras, para construir uma proposta com o foco no autoconhecimento e no autocuidado.

Concebido de forma quase simultânea à matriz curricular da rede municipal de Florianópolis para a educação das relações étnico-raciais, o projeto “Do rei do fogo ao rei do samba: rainha e rei da África eu sou” levou às crianças atividades que combinaram mitologia africana (Xangô, o rei do fogo) à música da escola de samba “Os Protegidos da Princesa”, cujo intérprete Alan Cardoso (o rei do samba) é uma das figuras mais conhecidas do Morro da Queimada.

Para contar as histórias do rei negro que dominava o fogo e os trovões, a professora usou uma enorme pedra na área externa da escola para erguer o cenário de que precisava para mostrar, entre outros “efeitos especiais”, a entrada em erupção de um vulcão feito de argila. “Usamos a literatura do Reginaldo Prandi para contar a lenda do rei Xangô e trabalhar a questão da cultura africana. Tive que ler bastante, estudar e elaborar para saber como contar as histórias e conquistar as crianças”, lembra Márcia.

As histórias em torno de um orixá (Xangô), embora fossem despidas do caráter religioso, geraram questionamentos da direção da escola na época, em especial quando duas bisavós nativas do morro foram convidadas a interagir com os estudantes. Uma das bisavós tinha um terreiro de umbanda e trouxe os instrumentos musicais, tocados pelo pai e pelo tio de uma aluna, em um encontro com troca de experiências entre os mais velhos e os mais novos.

“Teve resistência por parte da direção, que achou que a gente estava trabalhando a questão da religião. Não estávamos. Até conseguir engrenar (o projeto), tivemos que sentar e explicar algumas vezes que o foco era a questão cultural”, afirma Márcia.

Os esclarecimentos sobre o projeto também foram feitos nas reuniões com os pais. Quando o questionamento partiu de uma mãe de aluno, evangélica, a professora repetiu o que já fizera com a direção da escola: sentou, dialogou e explicou que as atividades estavam totalmente voltadas à valorização da diversidade e à educação para as relações étnico-raciais, evocando a lei federal 10.639, de 2003, que incluiu história e cultura afro como temática educacional.

Depois que a mãe evangélica viu as imagens de uma atividade do projeto em uma rede social, concordou com a proposta. “Na próxima, o meu filho vai”, ouviu a professora.

Os estudantes também foram levados a uma atividade de campo e apresentaram a peça “Princesa Negra” durante o festival Afro Divas, realizado no palácio Cruz e Sousa, sede do Museu Histórico de Santa Catarina. Aos poucos, as resistências desapareceram.

Durante entrega de relatório de desenvolvimento da criança, foram registradas falas elogiosas dos pais sobre o trabalho com a cultura africana. Os filhos estavam levando as brincadeiras da escola para casa e se passavam por heróis negros. O rei do fogo, o rei do samba e a princesa negra entravam para o vocabulário e para o imaginário deles.

"As famílias foram parceiras, presentes. Não foi dado muito enfoque ao preconceito. Quis mostrar o lado da representatividade, uma imagem positiva. O projeto trabalhou muito com essa questão da representatividade da criança negra para que elas não tivessem só contato com heróis brancos", relata Márcia.

No segundo semestre, os próprios alunos convidaram o intérprete da escola de samba do morro, Alan Cardoso, por meio de uma mensagem via smartphone. Voz da agremiação da comunidade no Carnaval, e espelho para algumas das crianças, o sambista visitou a creche acompanhado da porta-bandeira e foi sabatinado pelos estudantes, que também brincaram com a porta-bandeira, cantaram o samba-enredo e até imitaram o grito de guerra do sambista.

Ao final do ano letivo, cada criança deu um relato sobre o que aprendeu. As imagens registradas durante o projeto na creche Morro da Queimada ilustraram a matriz curricular municipal que orientou os professores da rede sobre a temática.

"A resistência (à temática afro) é também falta de preparo por parte da gente, de achar que não existe preconceito ou não existe racismo. Quanto mais cedo for trabalhada, desde a criança pequena, melhor", afirma a professora Márcia. "É importante não desistir quando vier uma dificuldade e estar preparado para dialogar e explicar o trabalho."